



Director literario:

António Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Valls
PAPUSSE

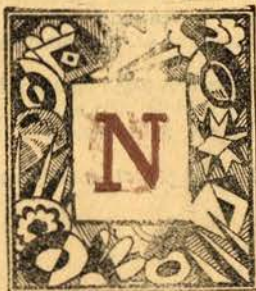
O MILAGRE

do Menino Je- sus.

por Dynete



BONECOS e AB



UMA sala clara e de alegre mobiliário, simples mas lindo, estavam umas crianças, numa roda, junto da janela, conversando com alegre entusiasmo.

Uma vozita harmoniosa e doce ergueu-se do grupo nesta exclamação.

— Ah! O Natal!... O Natal!!! O que me dará este ano o menino Jesus?

E um sussurro de desejos, de esperanças, ouviu-se então, pois todas sentiam o mesmo entusiasmo por aquele dia que em breve ia chegar.

— E' já neste mês, Maria Leonor, daqui a três semanas! exclamou o Antoninho, um rapazinho sizudo e muito socegado, que os ouvia, em silêncio, fazer projectos e formular opiniões.

Antoninho, Maria Leonor e Cecília eram três irmãos igualmente louros, brancos e rosados.

O mais velho, Antoninho, tinha onze anos e entrara já para o liceu, o que explicava a supremacia que tinha sobre os outros pequenos, que o olhavam quasi com respeito, tais os elogios, por inteligência e sizudez, que os professores eram unânimes em fazer-lhe.

As duas pequenitas eram duas encantadoras bonecas, de longos canudos dourados e rostos de leite e rosas, muito socegadas, muito bem educadas e cheias de gentileza.

Mas na sala estavam mais duas crianças e essas eram as mais entusiasmadas e barulhentas.

Margarida era uma prima direita dos três lourinhos, mas contrastava dum modo extraordinário, física e moralmente. O seu tipo de cigana, o negrume dos seus olhos e cabelos de azeviche, as suas maneiras arrapazadas e turbu-

lentas, enchiam de espanto as primas, mas estimava-as ao mesmo tempo, pela sua graça, alegria e bondade.

Ela e Ruy, (um amigo de todos), eram a alegria do grupo, os inventores de todas ou quasi todas as brincadeiras, e, ás vezes, a causa de alguns ralhos e castigos.

Ruy era branco, de grande testa alta e inteligente, de grandes olhos verdes; pensativos, onde se lia uma grande bondade e uma grande alegria de viver... e de fazer partidas!

Malicioso, traquinas, turbulento e cheio de vida, era os encantos dos pais que só o tinham a ele, e da avózinha que o estragara com mimos, se o pai não fôsse, ao mesmo tempo, um grande e justo amigo, e um austero educador.

Nos rostos, igualmente animados, pois todos sentiam o mesmo interesse na expectativa daquele dia, que era para eles o mais lindo e desejado de todo o ano, mostravam claramente o seu empenho em serem atendidos os seus desejos.

— «Este ano» (declarava a Cecília, com toda a seriedade dos seus seis anos) «não quero bolas, nem pianos como no ano passado. Quero ter uma filha loura e toda vestida de azul como a que eu vi outro dia numa loja.»



— «Oh! Eu, então, gostava de ter um guarda-vestidos cheio de roupa para a minha *Baby*! Vi, na mesma loja onde está a boneca da Cilinha, um guarda-vestidos quasi do meu tamanho, com espelho, gavetas e tudo, e cheio de vestidinhos, de chapéus e cousas de «toilette», lindas, lindas! Mas isso é muito caro e naturalmente o Menino Jesus não quer dar-me! Mas eu gostava tanto disso!...»

— «O Menino Jesus pôde tudo, pateta! Tu não vês que Ele tem na mão o mundo? O guarda-vestidos estava na loja e como Ele não precisa de comprar nada, manda lá o «pai Natal» busca-lo e dá-to, com certeza!» gritou Ruy do seu lugar.

— «Como eu gostava!» murmurou Maria Leonor muito enlevada na sua ideia.

Nisto, Margarida levantou-se dum pulo e indo para o meio deles expoz os seus desejos:

— «Pois eu não! Tenho outros desejos muito diferentes. Eu queria um cãozinho, todo branco, como o da Luiza, a minha vizinha, para eu ensinar e brincar com ele. Queria uma bicicleta e uns patins e muitas caixas de bombons e drops, dro-o-o-o-o-ps!... dizia ela abrindo muito os braços.

Um côro de gargalhadas acolheu aquele desejo tão exquisto e complicado.

Mas Margarida, muito convencida, continuava a afirmar, — num tom de sinceridade, — serem esses os seus maiores desejos.

Maria Leonor voltou-se para o Ruy que ainda não dissera nada e perguntou cheia de curiosidade:

— E tu, Ruysinho, o que querias que o menino Jesus te desse?

Ele encolheu os ombros, sorriu, e exclamou, entre sério e risonho:

— «Naturalmente não me dá nada! Tenho feito tantas tolices, tantas partidas!

— Mas do que gostavas mais? insistiu Margarida, também muito curiosa.

— Lá por gostar, gostava de muitas cousas. Olhem: de de uma caixa de tintas, muito grande e com todas as cores, e de livros para colorir, por exemplo. E também gostava de livros de histórias e duma pistola,» e pondo-se de pé, explicou com muitos gestos:

— «Sim, gostava de todas essas cousas, mas o que eu desejava mais eram os livros e a caixa das tintas! Pintava cousas lindas, e podia brincar aos pintores com Vocês..

A Cilinha e a Maria Leonor seriam duas senhoras com as suas filhas, a que eu iria tirar o retrato. E, voltando-se contente para o Antoninho que os ouvia calado, perguntou:

— E tu não dizes nada?

— Eu, explicou ele, muito sério, gosto de cousas úteis e boas. Gostava de ter um estojo de desenho para levar para o liceu, e duma caixa de construções, para poder armar carros, pontes e guindastes, como um pequeno meu amigo. E' lindo e tão engraçado!

— Ah! como devia ser bonito! Serias o nosso engenheiro, como o papá, e haviás de fazer cousas extraordinárias, hein? Gritou Maria Leonor radiante.

— E podias fazer um carro para a minha filha? gritou também Cilinha, corada de entusiasmo.

Todos riram a bom rir da cara dela e da maneira apaixonada como dizia a *minha filha*!

Nesse momento abriu-se uma porta e a *mademoiselle* entrou muito risonha a chamá-los para o chá.

Parecia ter ouvido alguma cousa, pela forma divertida e maliciosa como olhava para eles, à socapa.

Sairam todos muito animados, e, quasi a correr, diri-

giram-se para uma sala muito grande, onde estavam quatro senhoras a costurar.

Uma delas, era branca e loura como os três irmãozitos e bem se via que era sua mãe. Era o mesmo rosto, a mesma expressão doce de Maria Leonor, o mesmo olhar grave e inteligente do Antoninho.

A mãe de Margarida, era uma senhora cheia de vida e de graça, que, como a filha, enchia tudo de animação onde quer que estivesse, embora fosse comedida e cheia

de distinção nos seus modos e gestos. Tinha até um profundo desgosto nos modos desgraciosos e desastrosos da filha, que empurrava tudo e todos, sem querer, e tropeçava nos tapetes e nos pés das pessoas.

As outras duas senhoras eram a mãe e a avó de Ruy.

A primeira parecia sua irmã, tão nova era e tão parecida com ele. Nos seus olhos escuros lia-se tanta doçura, tanta bondade que atraía logo a simpatia de crescidos e pequenos, pelo que todos gostavam imensamente dela.

A avó, de cabelos de neve e olhos da cor do céu, mas dum céu transparente e escuro como nalguns dias de verão em que nos parece que é tão limpo que, através dele, se poderia ver até Jesus e Nossa Senhora, a nossa Mãezinha dos Céus!

Ambas olharam a pequena com um grande amor e distribuíram aos outros companheiros de brinquedos, carícias e várias expressões de afecto.

— Em que vinham vocês a conversar tão animados? perguntou D. Leonor, a mãe dos lourinhos.

— Estamos a fazer projectos para o Natal, mãezinha, respondeu Maria Leonor sentando-se ao seu lado.

— Eu falava da minha filha! exclamou Cilinha subindo para os joelhos maternos.

Todos riram com gosto e continuariam nesta agradável conversa se a entrada dum criado velhote, não os viesse interromper, empurrando uma mezinha onde fumegava o chá em chávenas do Japão.

Noutra mezinha estavam já muitos pratos com bolos variadíssimos e apetitosos.

Eram cinco horas da tarde.

Passaram-se oito dias. Em casa de D. Leonor o silêncio é agora completo, mas não o mesmo silêncio calmo e sereno de sempre, cortado, de quando em quando, por alguma gargalhada ou grito alegre, mas um silêncio triste e pesado que em nada se parece com o outro.

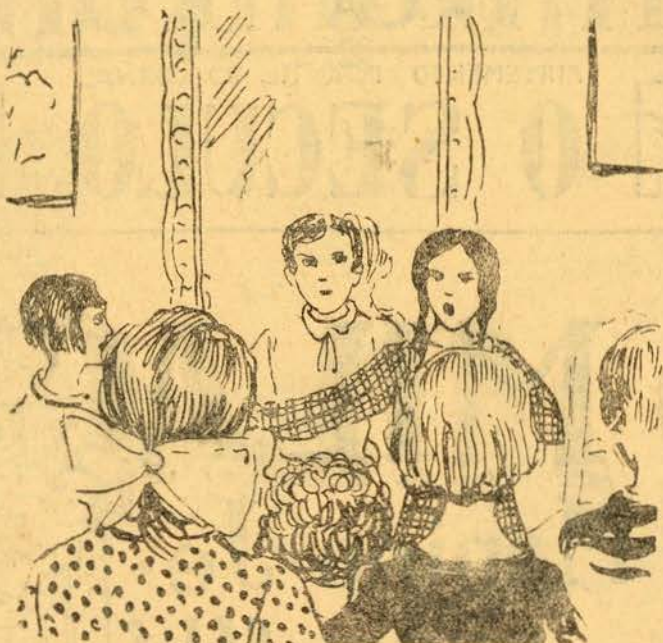
Nos corredores os criados passam em bicos dos pés, com um ar grave e sério, e, na salinha alegre onde se reuniam dias antes os cinco pequenos, estão hoje só quatro.

Um ar de tristeza reina na sala, escura pelo dia que parece associar a sua tristeza dos pequenos, chorando em grandes lágrimas de chuva que escorrem pelas vidraças das janelas, num murmúrio monótono e gelado.

Cilinha está doente, muito doente, quasi a morrer?

Uma pneumonia, muita febre, delírio, que sei eu, e o médico faz uma cara muito grave, muito desolada ao vêr o rosto pálido e ansioso da mãe, e os olhares inquietos e interrogativos dos pequenos que o assediavam com perguntas. São seis horas, e é quasi noute lá fóra!

Maria Leonor some-se quasi nas pregas dum grande casaco de malha e agarra, triste, numa boneca que aperta de vez em quando contra o peito e beija ternamente, pen-



sando na irmãita doente que ela só tem ordem de ver duas vezes ao dia, e só da porta, para não fazer barulho.

Antoninho estuda sem entusiasmo, numa mesa ao meio do quarto quentinho, com a lenha que arde em chamas douradas no fogão de mármore branco.

Margarida faz na pedra as contas para o colégio, contando pelos dedos e apagando, a cada instante, com visível mau humor. Levanta-se de cinco em cinco minutos para vir beijar e abraçar a prima e fazer uma festa na cabeça de Antoninho.

E' a sua maneira de consolar.

Ruy desenha com afino e recorta, depois, com miúdos, os bonecos que esteve a desenhar. Tem um verdadeiro talento para o desenho, os seus bonecos são bem imperfeitos ainda; mas cheios de expressão e revelam uma alma de artista... e um bom coração.

Esses bonecos são destinados a alegrar os poucos momentos em que a doentinha não tem febre e quer brincar.

Todos quatro estão calados, ouvindo-se apenas o riscar da pena de pedra, o ranger da caneta de Antoninho e o remoeir da tezoura velha, que não quer cortar o papel.

De repente a porta abre-se e a *mademoiselle* entra.

Mas que diferença faz o seu rosto do de outro dia? Vem tão branca como a gola do seu vestido, e os olhos vermelhos de chorar deixam cair, como pérolas, grossas lágrimas seguidas que nem sequer pensa em limpar.

Os pequenos rodeiam-na inquietos e ela abraça-os em silêncio, indo sentar-se com Maria Leonor ao colo e agarrando o Antoninho de encontro ao peito.

Está tão comovida que nem pode falar por uns instantes.

Os pequenos choram, sem bem saber porquê, mas nos seus corações entra, a pouco e pouco, um grande terror e uma enorme desolação.

— A Cilinha está mal, meus filhos, murmura a *mademoiselle* por entre lágrimas.

Um côro de soluços e gemidos responde-lhe apenas.

— Eu não quero que ela morra! é o grito rouco e convulso de Ruy, cujas lágrimas lhe correm, em fio, pelas faces de ordinário prazenteiras.

Então, a *mademoiselle* conta que veio o médico ver a doentinha e lhe fez um tratamento muito mau, muito doloroso e que a pobre pequenita mal gemeu, presa da mal-dita febre que a faz delirar e não conhecer ninguém.

Por fim remata com estas palavras cheias de devoção:

— Ai, meus filhos, agora só Nosso Senhor a pode salvar! Só o Menino Jesus póe fazer esse milagre!

Antoninho apertou convulsivamente a mão dela enquanto as duas pequenitas choram abraçadas.

Mas, então, no rosto de Ruy, apareceu um vislumbre de alegria, e sem dizer nada saiu da sala.

Sem hesitar, vestiu o sobretudo e pôs o «bonnet» que estava no bengaleiro do vestibulo e, embora a chuva caísse lá fóra torrencialmente, ele saiu com passo firme e foi em direcção a casa. Entrou.

Morava ali mesmo ao lado, num palacete onde também a avózinha vivia no primeiro andar, e, daí a momentos, tornou a sair com um embrulho debaixo do braço que pôs debaixo do sobretudo e, cozido com as paredes, dirigiu-se a uma capelinha que pertencia aos pais de Cecilia.

Entrou descoberto, foi direito ao altar e, olhando em volta, para ver se estava só, ajoelhou-se e rezou duas ou três Ave Marias, com muita fé. Depois, tirou do embrulho os seus mais lindos livros de histórias, vermelhos e dourados, que lhe tinham dado tantas horas de alegria e, sem uma lágrima, pô-los sobre o altar-mór, rezando baixinho, os olhos fitos no rosto bondoso e cheio de magestade duma imagem do Sagrado Coração de Jesus:

— Meu Deus, toma os meus livros, os meus queridos livros de que eu gosto tanto, para salvares a Cilinha! E, tirando num repelão heroico o seu relógio de pulso, continuou:

— Toma também o meu relógio, que me deu a avózinha, e se és realmente amigo dos pequenos, como diz a mãezinha, faz o milagre de curar a Cilinha e não me dês nada de presente no dia de Natal; dá-me a sua vida de presente e faz o milagre que a *mademoiselle* diz que só tu pode fazer!

Duas lágrimas grossas como punhos caíram-lhe dos olhos ao atastar-se da capela, onde deixava parte dos seus mais queridos tesouros, mas uma imensa paz, uma grande alegria enchia-lhe o coração e foi a correr que se dirigiu para casa de D. Leonor de Noronha.

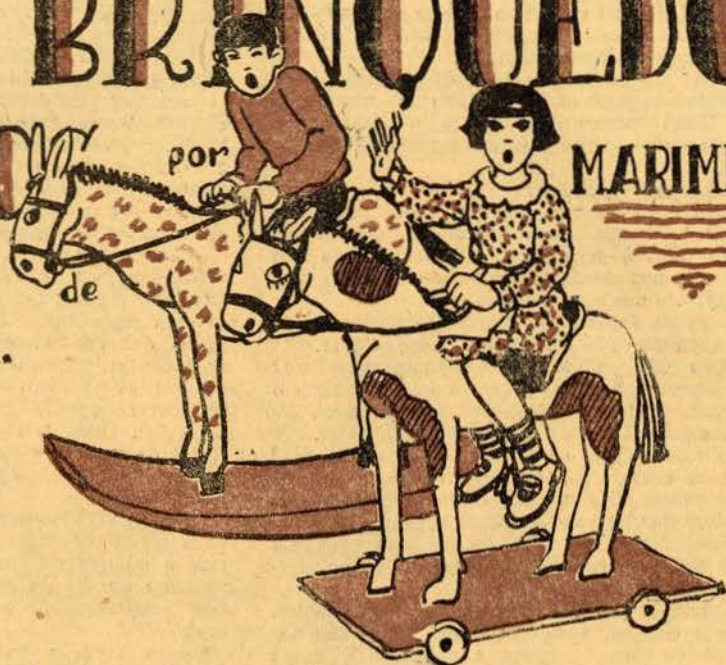
Entrou na sala, donde um quarto de hora antes desaparecera, e o seu rosto irradiava tanta satisfação que todos olharam para elle, espantados. Mesmo D. Leonor, que viera fazer um bocadinho de companhia aos filhos e estava pálida e abatida, se voltou admirada.

— Ela há-de curar-se, D. Leonor, disse elle muito grave e convencido. Há-de curar-se; o Menino Jesus faz com certeza esse milagre! afirmou cheio de fé.

Continua na página 7



OS BRINQUEDOS VELHOS BONECOS A. M.



—Eh! A galope, *Veloz!*
—Corre depressa, *Garrida!*
—Vamos a ver qual de nós
Ganhará esta corrida!

E a Luzinha e o Nandito,
Quais cavaleiros valentes,
Riem e afagam, contentes,
O seu prefrito *bonito*.

—Sou eu quem ganha, Luzinha!
—Ai, isso é que não és, não!
Vou eu ganhar o tostão
Que prometeu a avózinha.

E sem topar num calhau,
Lá vão, p'la alameda vasta,
Veloz, cavalo de pau,
Garrida, a égua de pasta.

Junto à olaia florida,
Que se marcara p'ra meta,
Lá os espera a avó qu'rida,
Sorrindo ao neto e à neta.

—Cheguei eu!—E eu também!
Logo armou-se um *trinta e um*,
Mas tudo ficou em bem:
Teve um tostão cada um.

Ai!...Mas isto que eu contei,
Já foi no ano passado.
Vão ver, pelo que direi,
Como tudo está mudado!...

Numa manhã bela e lèda,
Um mimo da Primavera,
Numa olaia da alameda,
Lá está a avózinha à espera...

Ecoam pelo jardim
Os mesmos gritos de doutróra:
—O tostão é para mim!
—Quem ganha, sou eu, agora!

—Sou eu, sou, Luzinha, olá!
—Pó-pó! Pó-pó! Mas que voz!
Não é decerto o *Veloz*,
Ou *Garrida*, quem vem lá.

Não são eles que lá vêm!
A Luzinha e o Nandito
Tem cada qual, um *bonito*
Novo que lhes deu a mãe,

Uma bicicleta linda,
Muito cómoda, engraçada;
Todo de lata, pintada,
Um *pó-pó* mais lindo ainda.

—Isto é muito natural!
Dirão, de certo. Pois é!
Mas olhem para o quintal
E verão os dois de pé,

Mas já côxos, desrodados,
O *Veloz* e a *Garrida*,
Que, velhos, abandonados,
Maldizem a sua vida...

E a Luzita e o Nandinho
Nem reparam, na corrida,
Nas lágrimas que a *Garrida*
E o *Veloz* choram, baixinho...

A ingratidão é tão vasta
E faz tanto homem mau...
Há tantas éguas de pasta,
Tantos cavalos de pau!...

■ F I M ■

A obra de mestre Hilário

Novela infantil por

AUGUSTO de SANTARITA

Desenhos de E. MALTA

(Continuação do número anterior)



O dia seguinte ao funeral de Severino Reis, o notário Gil Pereira, havendo procedido à abertura do testamento do grande capitalista e, finalmente, informado do seu conteúdo, mandou chamar todos os interessados, tornando-os scientes das respectivas heranças.

Presidentes e directores de várias instituições de caridade, — (entre as quais, como uma das principais herdeiras, figurava a «Grande Confederação Infantil» de Mestre Hilário,

contemplada, só à sua parte, com cinco mil contos) — haviam acorrido à convocação feita pelo notariado.

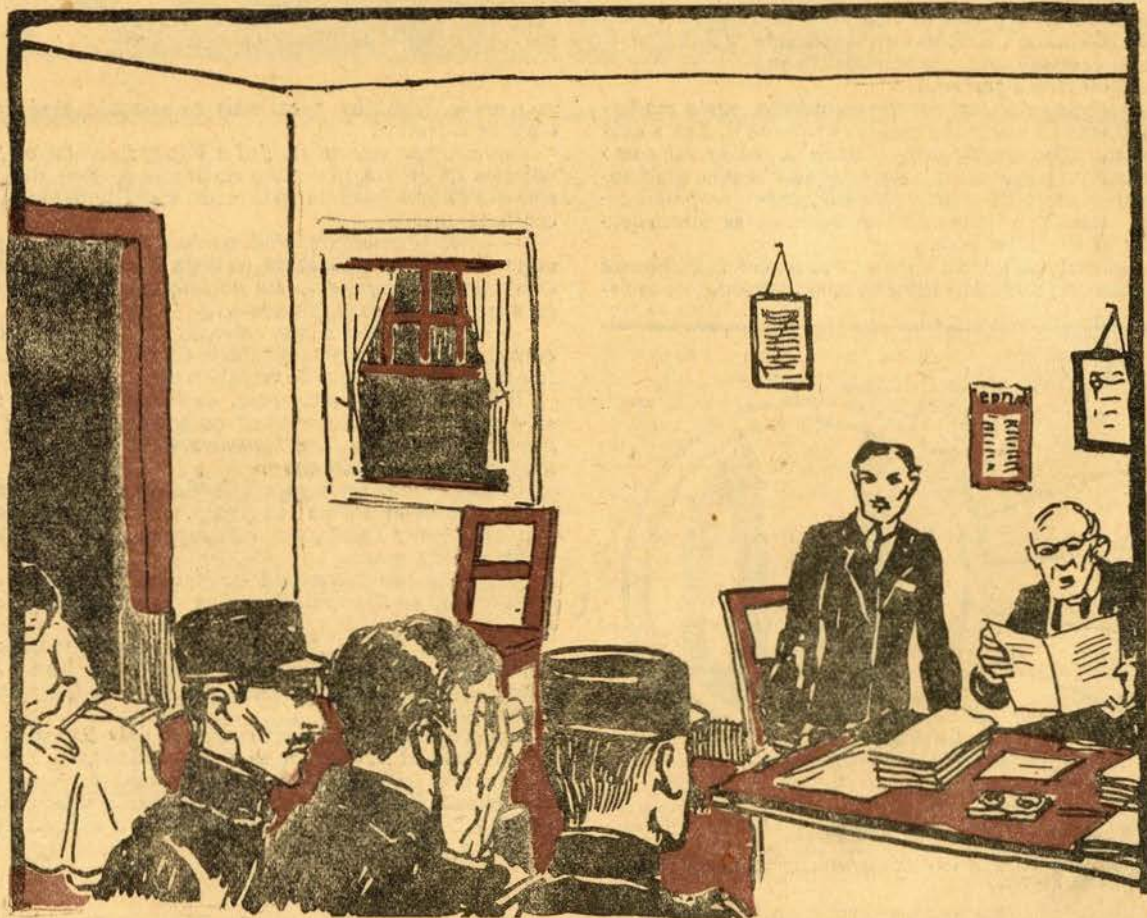
Metade de toda a sua fortuna, avaliada em sessenta mil contos, era legada às ditas instituições e a outra metade — (sensacional surpresa!) — seria devida entre todos os ope-

rários da «União Metalúrgica», proporcionalmente às suas categorias e ordenados, cabendo a Zé Falcão, como chefe e inspector da fábrica, a bela soma de mil e duzentos contos.

Como, porém, não houvesse podido comparecer no dia da solene leitura testamentária, devido à sua prisão, Mestre Falcão compareceu dois dias após, sob prisão, no gabinete do notariado, onde se procedeu a uma nova leitura.

Em face de tão inesperada herança e de tão generosos legados, uma extraordinária e repentina transformação se operou no espírito de Mestre Falcão, chefe da Seita-Rubra e incansável propagandista das reivindicações sociais do seu partido.

Chorando copiosamente e sentindo o remorso de ter comungado os mesmos pontos de vista dos seus camaradas; em cujo âmago quasi sempre, apenas, um sentimento de inveja ditara a insubmissão contra a legitimidade do Capital, foi que Zé Falcão escutou a leitura do nobre testamento, que tanto dignificava a honrada Memória do grande capitalista, caracter exemplar, modelo de virtudes.



Apuradas as responsabilidades individuais da insubmissão dos operários da «União Metalúrgica», uma semana decorrida, feito o apuramento dos incriminados, procedeu-se ao respectivo julgamento, a que Zé Falcão teve de comparecer, como intermediário das reclamações que haviam ocasionado a insurreição do pessoal da fábrica. Provada, porém, a sua não cumplicidade no atentado, em que apenas havia participado um pequeno *complot*, constituído por doze operários de menor categoria, Zé Falcão foi absolvido, bem como a maioria dos operários, totalmente alheios à organização revolucionária do referido *complot*.

A saída do Tribunal, D. Ana e Valentina choravam de alegria, abraçadas a Zé Falcão que, profundamente abatido, se penitenciava de haver sido injusto, chefiando um partido que, como êle, guiado por falsos princípios de Igualitarismo, motivara, afinal, a morte prematura dum homem generoso, e muito mais liberal do que o seu próprio partido.

Ainda mal refeito da grande surpresa da herança imprevista, uma nova surpresa o aguardava ao chegar a casa.

Visita inesperada

Já sciente da absolvição do pai de Valentina, Franklim Joice, no seu automóvel ministerial, chegava ao mesmo tempo que Zé Falcão a casa dêse.

— «Venho felicita-lo, Mestre Zé Falcão, pela justiça que lhe foi feita...» exclamou o presidente de conselho de ministros, ante o enleio do pai de Valentina que, igualmente enleada, pressentia o verdadeiro motivo que levava Franklim a procurá-lo.

— «Dê-se entrar, senhor presidente, nesta modesta choupana...» (exclamou confuso o filho de D. Ana a qual sorria intencionalmente para Valentina. «Não sei como agradecer a sua grande atenção!» acrescentou titubeante o antigo chefe da «União Metalúrgica» que profundamente admirava o extraordinário talento e as nobres qualidades de Franklim Joice.

— «Se alguma coisa me devesse, o que infelizmente não acontece, ousaria pedir-lhe uma retribuição, excla-



mou, então, Franklim, agora mais embaraçado, ainda, que o pai de Valentina.

— «Em que posso eu ser útil a Vossa Excelência?!...» objectou Zé Falcão, já sentado em frente de Franklim, na modesta salinha que lóra, por vezes, muda testemunha de confissões amorosas.

— «Útil — (retorquiu, afoitamente, o presidente do conselho de ministros ao chefe da Seita Rubra) — se entendesse dever demitir-se do seu partido que tanto embaraça a marcha do meu governo».

— «Era já essa a minha intenção;» voltou Zé Falcão, correspondendo ao afectuoso aperto de mão que Franklim Joice lhe dera, em sinal de reconhecimento.

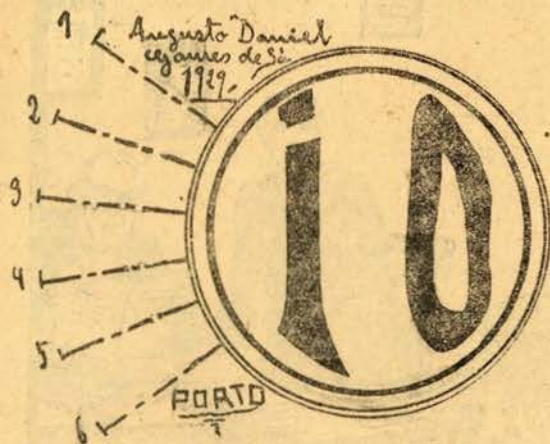
E Franklim Joice prosseguiu, embora menos afoito: — «E agradável se quizesse anuir ao pedido, que venho fazer-lhe, de me conceder a mão de sua filha por quem estou loucamente apaixonado.»

Olhando súbitamente para Valentina que, abraçada a D. Ana, encobria o rosto em seu regaço, sufocando a estranha comoção, Mestre Falcão, mudo de espanto, não encontrou prontamente resposta.

— «Então não quer anuir ao meu pedido, pedido que corresponde ao desejo de sua filha e à aprovação de sua Mãe?»

— «Basta, senhor Joice! Se é assim, na verdade; se Valentina corresponde ao desejo expresso por Vossa Excelência, sentir-me-hei imensamente feliz, abençoando a vossa união!»

Um grande abraço, trocado entre os dois homens, ex- adversários políticos, coroou as últimas palavras de Zé Falcão, a quem Valentina contou todos os promenores das anteriores entrevistas e como nascera, pouco a pouco, entre ambos, o Sentimento que levára Franklim a tomar a resolução de a pedir em casamento.



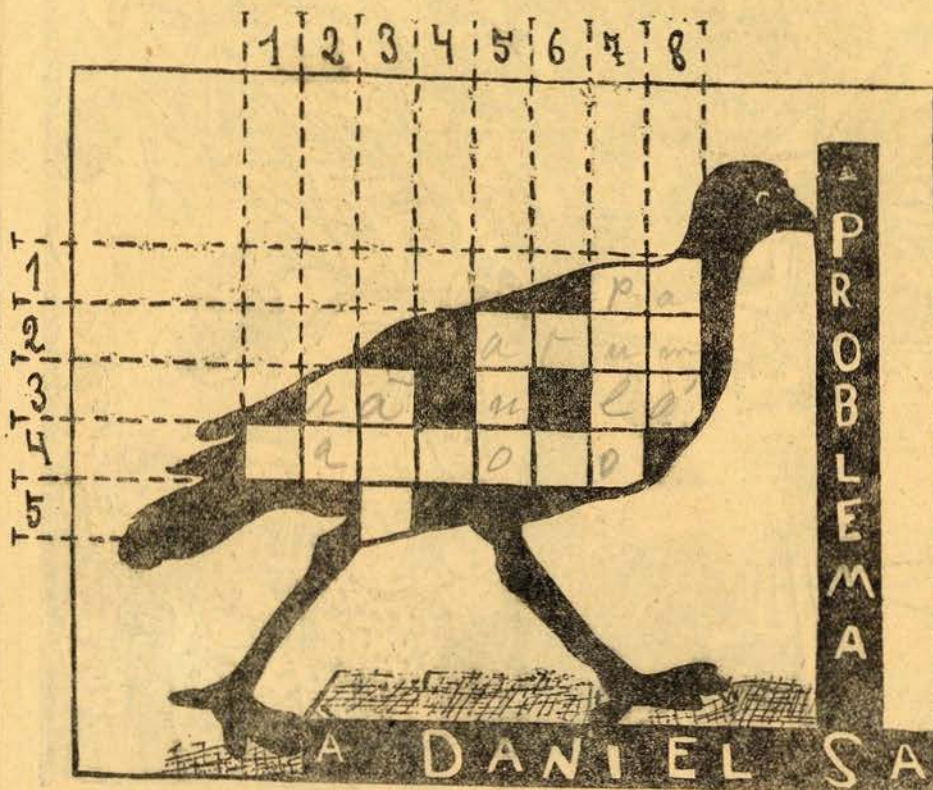
ADIVINHA

Juntar uma letra a «io» de maneira que forme sinónimos das seguintes palavras:

1 criado, — 2 linha grossa, — 3 voz dos gatos, — 4 parente — 5 corrente de água doce, — 6 voz das aves,

Continua no próximo número

HORA DE RECREIO



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTALMENTE

1 substantivo, — 2 nome de peixe, — 3 animal anfíbio, consoante, e nome de pão doce vulgar, — 4 penedo alto, — 5 vogal.

VERTICALMENTE

1 consoante, — 2 animal anfíbio, — 3, substantivo, — 4, consoante, — 5 espaço de tempo, — 6 consoante, consoante, — 7 salto, — 8 que tem servos.

O MILAGRE DO MENINO JESUS -- Continuado da página 3

Um abraço e um beijo apaixonado, foi a resposta como-vida da Mãe da pequenita.

— Deus te pague, meu filho, pelo teu bom coração. Deus te ouça!

Passaram-se oito dias.

São onze e meia da noite. No meio do salão onde três semanas antes os pequeninos e sua mãe tomaram chá, ergue-se agora uma grande árvore de Natal, um elegante e verde pinheiro, cujos ramos estão cheios de fios prateados e bolas de vidro de todas as cores. Brilha com dezenas de velazinhas encarnadas, todas acêdas e caem-lhe dos galhos flocos de neve, feitos com algodão em rama cheios de pó dourado e prateado.

Bonecos, caixinhas de bombons, saquinhos com drops e rebuçados, penduram-se com fitas policromas e os pequeninos fazem-lhe a volta um cerco alegre e entusiasmado.

Cilinha, a rainha da festa, sentada no colo queatinho e fôfo da avó de Ruy, embrulhada num chale de lã branco parece um anjo dos Céus com a luz a cair-lhe sobre os anéis d'ouro e tão sedosos da sua cabeleira.

O seu rostozinho de neve está mais magro e pálido, mas os grandes olhos escuros riem e brincam com as luzes e a alegria.

Todos os rostos respiram felicidade, mas, nessa alegria, há qualquer cousa de grave, como a sombra ainda da inquietação e da tristeza passada. Só os pequenos estão buliçosos e cheios de entusiasmo.

Ruy, sorri contente a tudo e a todos, mas, de quando

em quando, os olhos enchem-se-lhe de água, e, então, corre a abraçar Cilinha, que lhe deita os bracitos ao pescoço e o beija muito terna.

E' quasi meia noite agora. A impaciência está no auge, já ninguém seria capaz de fazer calar as crianças que vão da árvore para uma porta, para a qual se voltam a todos os instantes os seus olhos anciosos e ávidos.

De repente essa porta abre-se, e, no meio do silêncio geral, quasi religioso, um «Pai Natal» elegante e muito magro, de longas barbas brancas e um cajado nodoso na mão, entra puxando a custo um grande cesto dourado, quasi do seu tamanho.

E' a mademoiselle, percebeu logo Ruy, olhando os sapatos claros de salto alto, que ela se esquecera de tirar com a precipitação.

Mas o «Pai Natal», curva-se, e tira enfim do cesto uma linda e grande boneca de feltro, toda vestida de setim azul, côr do céu, de grandes olhos redondos, que entrega a Cilinha. Esta põe-se em pé e chora e ri, ao mesmo tempo, de comoção.

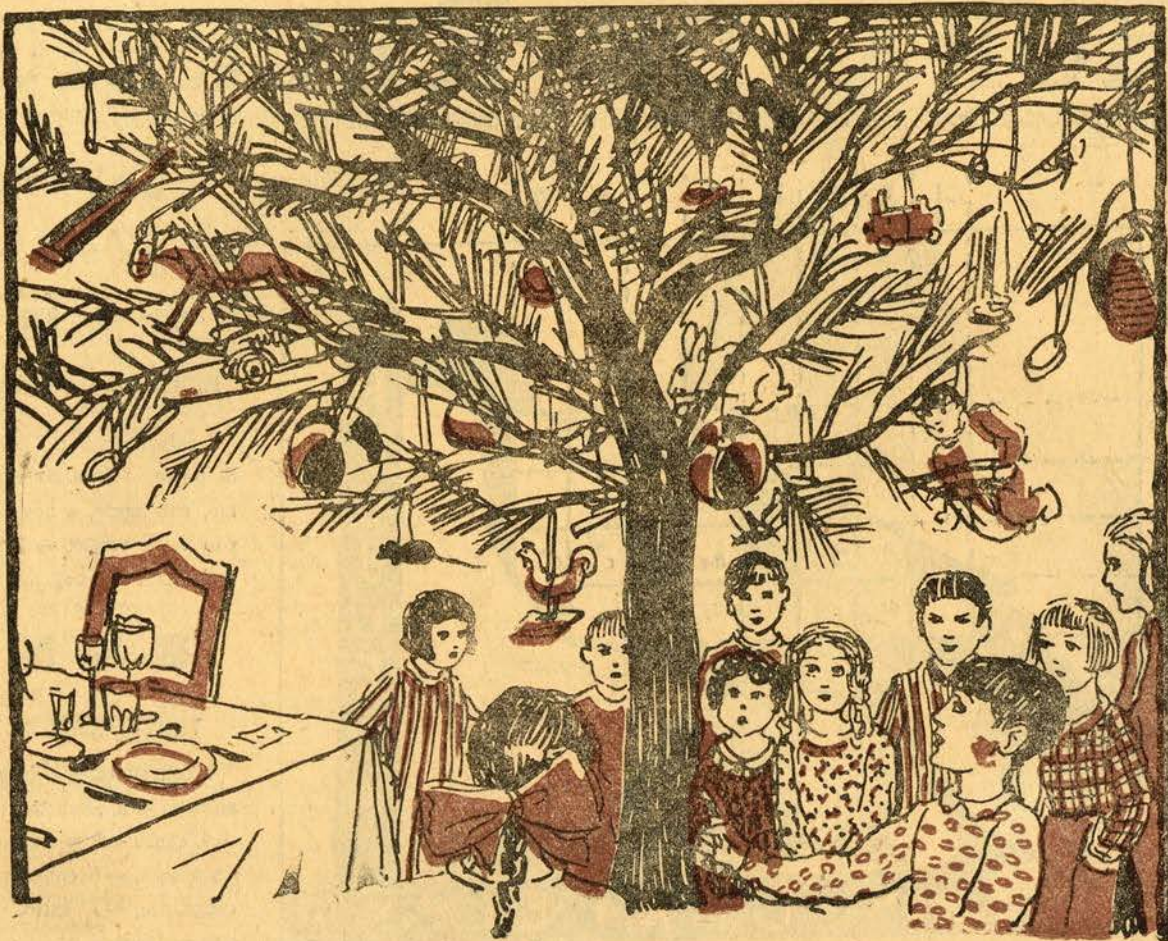
E' de tal forma cómica a sua atitude que as gargalhadas estalam espontâneas e alegres.

Depois é a vez de Margarida, que vê a seus pés um par reluzente de patins, um tricicle com lanterna de acender e buzina, que o «Pai Natal» foi buscar atrás da porta, e uma caixa de bombons quasi tão grande como um baú.

Esta saúda as suas prendas com uma dança selvagem de tal forma extraordinária e extenuante que faria rir um santo de pedra.

Novas gargalhadas.

Depois, Maria Leonor vê ao seu lado uma mobília com-



pleta de boneca, que o criado velho ajuda a tirar do cesto milagroso, e a sua alegria doce e calma, chega quasi às lágrimas quando, ao abrir as gavetas, e a porta do guarda-vestidos, o vê cheios de vestidos e roupas de boneca.

Antoninho adianta-se, sem que ninguém o chame e recebe um esplêndido estojo de desenho e uma caixa de construções, com a qual poderá armar um aeroplano e até um automóvel.

O pequeno, muito risonho, estende a mão fleugmáticamente ao «Pai Natal», que a aperta no meio da explosão de riso que causou aquela gravidade.

Apenas Ruy falta, mas o Ruy desapareceu.

Todos os olhares o procuram, e descobem-no enfim no vão duma janela, de rosto triste, mas sereno, se bem que com os olhos molhados.

E' trazido meigamente pelos pais de Cilinha e o «Pai Natal», que, muito comovido, limpa os olhos com as barbas, já fóra do seu lugar.

Então o sr. Noronha pegou-lhe na mão e fez sinal á *Mademoiselle* que, muito atarantanda, já nem sabia o que fazia.

Trouxe por fim um embrulho de papel pardo, que Cilinha abriu por ordem do pai.

Do embrulho saiu um pacote de livros já bastante usados e um relógio de pulso.

Ruy estremeceu ao vê-los e corou muito, baixando a cabeça como se tivesse sido apanhado nalguma maldade, mas um grande beijo de D. Leonor fê-lo encher de coragem.

O pai de Cilinha contou, então, como assistira a tudo por acaso, do órgão da capela, e como foi testemunha da generosa dedicação do pequeno que não hesitara, para salvar a vida á sua amiguinha, em sacrificar tudo aquilo a que mais queria.

Todos os rostos reflectiam uma intensa comoção e quasi todos os olhos estavam húmidos e enternecidos.

Os outros pequenos rodeavam o amigo com admiração e então o «Pai Natal», depois de encher de carícias, impróprios dum homem e dum Deus, entregou-lhe uma caixa de tintas em madeira polida, grande, linda, cheia de pinceis, de bisnagas de todas as cores, e onde estava também uma paleta; uma quantidade enorme de livros de contos e outros para colorir, de todos os tamanhos e feitios.

Ruy desatou a chorar, com tantos elogios, tantas carícias e tantas prendas, pois o pai estendeu-lhe, com um gesto comovido, uma pistola e uma espingarda grande, que até parecia a valer.

Com grande alegria e entusiasmo, levaram-no em triunfo para a casa de jantar onde estava servida uma esplendida ceia, na mesa cheia de luzes, de flores, de cristais e de gulodices.

A avó olhava muito derretida para o neto que corava de modéstia ante os seus mimos, e Cilinha quiz por força ficar ao seu lado e faze-lo comer tantos doces, que chegariam para matar três Ruys, de indigestão.

E assim acabou aquela agradável e linda noite de Natal!

* * *

Só desejo aos meus leitores pequeninos, a alegria, a paz, a sensação de bem estar e felicidade que encheu nessa noite o coração de Ruy e lhe mostrou que, dum acto de nobreza e generosidade, se colhem mais doces frutos do que os proporcionados pelas riquezas e vaidades d'esse mundo.

Imitem o Ruy, será esse o melhor presente de Natal que o Menino Jesus poderá dar a vossos pais.